

## A influência da metáfora e do *chunking* na convencionalização de construções com o verbo ‘cortar’<sup>1</sup>

Aparecida da Penha Krohling Christ<sup>2</sup>  
Lúcia Helena Peyroton da Rocha<sup>3</sup>

**Resumo:** Embasados na concepção de que a linguagem é fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, analisamos, numa abordagem construcional, um grupo de sequências de palavras com o verbo **cortar** seguido de complemento que parecem formar uma única unidade, um *chunk* independente para fins de processamento e análise, muitas das quais denominadas expressões idiomáticas em abordagens lexicais. Vinculamo-nos ao quadro teórico-metodológico da Linguística Centrada no Uso, tendo como respaldo, entre outros, os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016) e Langacker (1987). Valemo-nos de um *corpus* com dados de uso efetivo da língua constituído por textos coletados no jornal A Gazeta, que circula no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2017. Identificamos a frequência de 50 *tokens* e de 09 *types*, que nos permitem refletir sobre a influência do *chunking* e das projeções metafóricas na convencionalização dessas construções. Observamos que as construções identificadas no *corpus* não apresentam o mesmo grau de composicionalidade, o que nos levou a propor um *continuum* e a estipular critérios de análise que nos auxiliassem no processo de distribuição dessas construções no *continuum*.

**Palavras-chave:** verbo cortar; gramática de construções; expressões idiomáticas; processos cognitivos.

## The influence of metaphor and chunking in the conventionalization of constructions with the verb ‘to cut’<sup>4</sup>

**Abstract:** From the concept that language is based on cognitive, socio-interactive and cultural processes, we analyzed, in a constructional approach, a group of word sequences with the verb *to cut* followed by complements that seem to form a single unit, an independent chunk for processing and analysis purposes, many of which are called idiomatic expressions in lexical approaches. We are linked to the theoretical and methodological framework of Usage-based Linguistics, supported by, among others, the functionalist and cognitive studies of Lakoff and Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott and Trousdale (2013), Bybee

<sup>1</sup> O presente artigo faz parte de um trabalho maior, da tese de doutorado intitulada ‘*cortando um dobrado*’: uma análise do verbo **cortar** em uso.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo. Brasil. E-mail: cidinhakrohling@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-9413-8630

<sup>3</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara, na área de Sintaxe e Semântica. Atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Ufes. Brasil. E-mail: lhpr@terra.com.br. ORCID: 0000-0001-7422-5569

<sup>4</sup> This paper is part of a broader project that leads to the doctoral dissertation entitled “Cortando Um Dobrado: Uma Análise do Verbo cortar em uso”.

(2016) and Langacker (1987). We worked in a corpus with effective use of language, consisting of texts collected from the newspaper A Gazeta, which circulates in the State of Espírito Santo, between January and December 2017. We identified the frequency of 50 tokens and 09 types, which allows us to reflect on the influence of chunking and metaphorical projections on the conventionalization of these constructions. We observed that the identified constructions in the corpus do not present the same degree of compositionality, which led us to propose a *continuum* and to stipulate analysis criteria that would help in the process of distributing these constructions in the *continuum*.

**Keywords:** verb to cut; construction grammar; idiomatic expressions; cognitive processes.

## Introdução

De acordo com Goldberg (1995, 2006), a gramática exhibe os mesmos tipos de fenômenos que outras unidades linguísticas, como as palavras e, dessa forma, todas as construções, independente de sua dimensão, complexidade interna, grau de regularidade ou idiosincrasia, são tratadas como "signos", ou seja, como o pareamento de uma forma e de um significado. As construções variam em complexidade e esquematicidade, configurando um *continuum* entre léxico e gramática, segundo Bybee (2016), Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2013).

Com base nessa abordagem, buscamos analisar construções com o verbo **cortar** seguido de complemento que parecem formar uma única unidade de análise, um *chunk* independente, possuindo dessa forma mais especificidade de preenchimento, estando mais próximas do polo lexical. Vinculamo-nos ao quadro teórico-metodológico da Linguística Centrada no Uso, tendo como respaldo os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016) e Langacker (1987).

Valemo-nos de um *corpus* composto por dados de uso efetivo da língua, na modalidade escrita, constituído por textos coletados no jornal A Gazeta, que circula no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre janeiro a dezembro de 2017.

Ao propormos que as construções analisadas neste artigo representam *chunks* independentes, assumimos, em consonância com Bybee (2016), que essas construções são formadas graças ao processo cognitivo denominado *chunking*. Podemos considerar que *chunk* representa as construções/unidades linguísticas armazenadas na memória e *chunking* é o

processo que permite tal representação. A esse respeito, Bybee (2016), citando Newell (1990), assegura que

um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criado pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, levando, assim, a uma organização hierárquica da memória. *Chunking* parece ser uma propriedade onipresente da memória humana (BYBEE, 2016, p. 64-65).

De acordo com Bybee (2016, p. 64), “[...] A base cognitiva subjacente para a morfossintaxe e sua organização hierárquica é o *chunking* de experiências sequenciais, o qual se dá com a repetição [...]”. Esse processo influencia os demais processos cognitivos embasado na organização geral da memória. O *Chunking* é acionado pela repetição e seu acionamento contribui tanto para a compreensão quanto para a produção, ou seja, se for utilizado de forma frequente será mais facilmente produzido e compreendido. Ademais, é o processo que possibilita a formação e o uso de sequências de palavras pré-fabricadas ou formulaicas, como "cortar um dobrado", "de vento em polpa", "dar nó em pingo d'água", entre outras.

Em relação à organização cognitiva, o *chunk*, unidade de organização da memória, é distribuído num *continuum*, conforme figura 1.

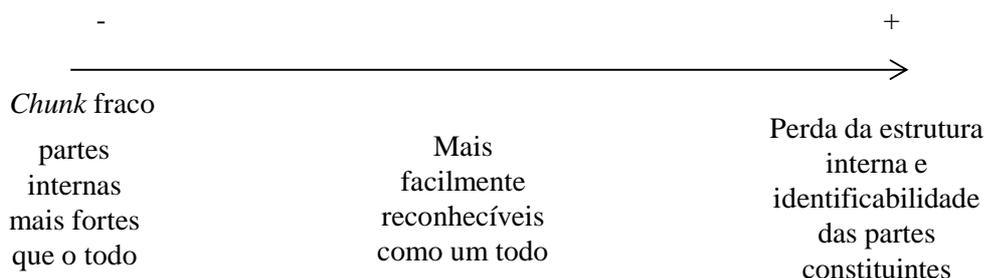


Figura 1 - Organização cognitiva do *chunk*

Fonte: Christ (2020, p. 35).

No polo mais extremo de alta frequência do *continuum* estariam, por exemplo, sintagmas em processo de gramaticalização. De acordo com Bybee (2016), dentro de *chunks*, há graus variados de coesão ou constituência que vão depender da frequência com que

ocorrem as cadeias das unidades. A interação de *chunking* com categorização está na origem das construções e fornece a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade semântica que, segundo Bybee (2016, p. 80), são medidas gradientes e independentes. Em relação a essas medidas, Langacker (1987) afirma que

Analisabilidade diz respeito à capacidade dos falantes reconhecerem a contribuição que cada estrutura componente faz para o todo composto; a questão da analisabilidade, portanto, surge principalmente no nível das expressões compostas individuais. A composicionalidade, por outro lado, pertence à regularidade das relações composicionais, ou seja, o grau em que o valor do todo é previsível a partir dos valores de suas partes (LANGACKER, 1987, P. 448).

Observamos em nosso *corpus* que nem todas as construções formadas com o verbo **cortar** seguida de complemento possuem o mesmo grau de composicionalidade, o que nos leva a postular a existência de um *continuum* para a distribuição das mesmas, conforme a figura 2.



Figura 2 – *Continuum* de composicionalidade

Fonte: Christ (2020, p. 208)

Para distribuir as construções nesse *continuum*, notamos no processo de análise possibilidades de alterações na forma que podem indicar um maior grau de analisabilidade, assim como de composicionalidade, uma vez que as partes internas da construção podem ser mais facilmente reconhecidas em separado. Essas possibilidades de alteração são: i) a possibilidade de topicalizar o sintagma nominal complemento do verbo **cortar**; ii) a

possibilidade de substituição do determinante que antecede o sintagma nominal; iii) a possibilidade de inserção de itens lexicais entre o verbo e o nome.

Quanto ao significado, verificamos o grau de transparência, entendido neste artigo como a possibilidade de reconhecer, de alguma forma, a contribuição do significado mais básico associado aos itens lexicais para o significado da construção, assim como os processos cognitivos envolvidos, que podem indicar um maior ou menor grau de analisabilidade e composicionalidade.

Visto que o número de ocorrência das construções identificadas no *corpus* é reduzido, valemo-nos em alguns momentos de consultas rápidas realizadas na rede mundial de computadores, por meio da ferramenta de busca do *google*, para exemplificar as análises com exemplos do verbo em uso e observar as possibilidades de alterações na forma. Quando não identificamos tais exemplos, aplicamos testes com essa finalidade realizando as devidas adequações nas sentenças a partir de ocorrências do verbo **cortar** no *corpus*.

Como veremos na seção destinada à análise do *corpus*, outro processo cognitivo que influencia as construções em análise é a projeção metafórica uma vez que o significado de todas envolve a metáfora que representa o mapeamento de um domínio conceptual em outro (LAKOFF, 1986).

No presente artigo, por questões de espaço, apresentamos a análise pormenorizada de 02 construções, antes, porém, abordamos brevemente a Gramática de Construções.

## A gramática de construções

De acordo com Evans (2007, p. 45), Gramática de Construções designa um conjunto de abordagens que assumem que a construção "é a unidade fundamental da gramática". Apesar dessas abordagens apresentarem diferenças, alguns pressupostos são compartilhados, como, por exemplo, a definição de construção como um "pareamento de forma e significado" [Lakoff (1987), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2016)].

As construções abarcam todos os níveis gramaticais, de morfemas a padrões mais gerais, embora o termo seja aplicado de forma mais usual a uma estrutura morfossintaticamente complexa parcialmente esquemática (BYBEE, 2016). Segundo Bybee,

as construções representam *chunks* rotinizados da linguagem, armazenados e ativados pelos usuários da língua como um todo.

Valemo-nos principalmente das contribuições de Traugott e Trousdale (2013, p. 8) que representam a construção com o seguinte esquema: [[F] ↔ [S]].

No polo da forma [F], estão os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos e, por sua vez, no polo do sentido, os aspectos do discurso, da semântica e da pragmática. Os autores apontam três dimensões para as construções: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização e asseveram que na maior parte dos casos uma construção pode ser caracterizada nas três dimensões. A seguir apresentamos o quadro, que sumariza e exemplifica as três dimensões. Tal quadro é uma adaptação realizada por Rosário e Oliveira (2016) para o português do proposto originalmente em Traugott e Trousdale (2013, p. 13) para o inglês.

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Quadro 1 - Dimensões das Construções

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

Traugott e Trousdale (2013) defendem que a língua, assim como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós que se interconectam, ou seja, as construções se relacionam umas com as outras. Os autores propõem três níveis hierárquicos para as construções: os *esquemas*, os *subesquemas* e as *microconstruções*. Os esquemas correspondem a generalizações mais abstratas, “grupos de construções semanticamente gerais”, situados no nível mais alto da rede, cujas construções são instanciadas por *subesquemas*. No nível dos *subesquemas* situam-se os grupos de construções com mais especificidade semântica. Na visão dos autores, os esquemas são padrões rotinizados da experiência que são entrincheirados cognitivamente e não devem ser vistos como representações mentais.

No nível das *microconstruções*, estão situados os tipos específicos de construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 17), “apenas as microconstruções podem ser especificadas de forma substantiva e fonológica”. Elas são instanciadas por *construtos*, que são as ocorrências empiricamente testadas, as instâncias reais da construção. Os autores

argumentam que os usuários da língua que conhecem um determinado conjunto de *microconstruções* percebem, de forma inconsciente, os subesquemas e esquemas que as instanciam.

Com base na proposta de Traugott e Trousdale (2013, p. 13), as construções identificadas no *corpus* podem ser caracterizadas como: i) complexas, na primeira dimensão, por se constituírem de mais de uma palavra; ii) substantivas, na segunda dimensão, por serem inteiramente ou quase inteiramente lexicalmente preenchidas, o que corresponde a menor esquematicidade virtual; e iii) conteudistas ou lexicais, já que o conceito que elas veiculam é mais lexical que procedural. A maioria dessas construções é designada como expressão idiomática em abordagens lexicais.

As expressões idiomáticas podem ser vistas como um fator motivacional importante para o surgimento dos trabalhos relacionados à Gramática de Construções. Elas são unidades linguísticas convencionais que não podem ser previstas apenas pelo conhecimento que um falante possui sobre as regras gramaticais e o vocabulário de uma língua. São unidades cujo significado não surge da composição de suas partes, sendo necessária a apreensão do todo para que produzam sentido. Como as regras de análise gramaticais existentes até então não davam conta da explicação desse fenômeno, essas expressões eram relegadas a um *status* marginal nos estudos linguísticos.

Essas expressões foram estudadas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Segundo os autores, a língua possui um grande repertório de expressões que não podem ser aprendidas pelos falantes de uma dada língua apenas pelo conhecimento do léxico e das regras gramaticais, expressões que precisam ser aprendidas em um bloco único, ou seja, embora as expressões sejam compostas por mais de uma palavra, elas precisam ser aprendidas como um todo e não como a soma de duas ou mais palavras, como por exemplo a sequência “fazer média”. Nesse caso, ainda que o usuário da língua saiba que ‘fazer’ é um verbo e o que ele significa, assim como que ‘média’ é um substantivo e seu respectivo significado, tal conhecimento pode não ser suficiente para a compreensão da expressão idiomática “fazer média”, que segundo Urbano (2018, p. 200) significa “procurar agradar, ser aceito, bajular para tirar proveito”.

Segundo Urbano (2018, p. 19, grifos do autor), "*expressões tipicamente idiomáticas* são sequências de palavras, que apenas em conjunto e combinadas, expressam um sentido global, não traduzindo, pois, a soma dos seus diversos sentidos literais individuais". O autor

assume que a expressão idiomática é uma sequência de palavras relativamente fixa para enfatizar a possibilidade de variação que ocorre com essas expressões, desmistificando a fixidez absoluta ou cristalizada por vezes atribuída a tais sequências. A esse respeito, Urbano (2018) ressalta que

Ao se caracterizar a sequência das expressões idiomáticas como "relativamente fixas" ou de "fixidez relativa" tem-se em mente a queda ou a quebra de alguns mitos ou dogmas sobre as expressões idiomáticas, como a "intraduzibilidade, a indecomponibilidade, a irreversibilidade da ordem, a impossibilidade de substituição sinonímica", e outros, que, naturalmente, só estudos e testes específicos e aprofundados podem delimitar precisamente (URBANO, 2018, p. 19).

De acordo com Bybee (2016, p. 56), as expressões idiomáticas são instâncias de construções mais gerais que requerem representação direta, dada a imprevisibilidade de seu significado. Elas surgem de construções existentes mais gerais, e, em função dos contextos de uso nos quais são utilizadas "tomam novas implicações pragmáticas, significados ou formas." Todavia, a autora reconhece que, embora tenham um sentido metafórico específico, a expressão idiomática não deixa de ser associada às palavras que a compõem.

Em relação ao papel do contexto no processo de significação, Bybee (2016, p. 91-96) esclarece que as inferências realizadas frequentemente a partir do contexto<sup>5</sup> podem tornar-se parte do significado de expressões ou construções e, dessa forma, "não há uma divisão clara entre os aspectos do significado que são derivados do contexto e os que são inerentes ao item lexical ou construção". Além disso, o significado "é sempre situado no contexto" que é determinado social e cognitivamente.

O fato de ser não composicional não implica que uma expressão idiomática ou uma expressão pré-fabricada não possa ser analisável, isso porque a analisabilidade e a composicionalidade são medidas distintas, sendo a analisabilidade uma noção sutil "[...] que não se refere à complexidade intrínseca de uma estrutura, mas sim à consciência das pessoas sobre certos aspectos dessa complexidade" (LANGACKER, 1987, p. 457).

---

<sup>5</sup> O contexto no presente artigo é concebido como parte constituinte e constituído no processo de interação, que integra [...] duas entidades que se justapõem: um evento focal e um campo de ação no qual o evento se desenrola. Esses eventos englobam diversas dimensões, como a situação de enunciação [...], recursos extralinguísticos; [...] Os próprios atos de fala ou textos já produzidos [...] os conhecimentos de mundo compartilhados entre os participantes e a situação que ultrapassa o evento local (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 288).

Há um consenso entre diversos autores, de diferentes perspectivas, de que uma expressão idiomática pode ser utilizada e/ou interpretada tanto em seu uso idiomático como literal [LANGACKER (1977, 1987), CHAFE (1979), FILLMORE, KAY E O'CONNOR (1988), XATARA (1995), RIVA (2009), BYBEE (2016) e URBANO (2018)]. Na abordagem construcional assumida, tal fato decorre da instanciação dos mesmos itens lexicais em construções de natureza distintas, como podemos notar nos exemplos 1 e 2.

**(1) Polícia abre inquérito para investigar abandono de bebê**

RESGATE

Segundo os médicos que atenderam o bebê, o cordão umbilical tinha sido cortado poucas horas antes, o que é um indício de que foi abandonado logo após o parto. (A GAZETA, 12/07/2017 - Cidades, p. 12).

Nesse exemplo, o verbo **cortar** é instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que pode ser associada à representação da seguinte cena ‘alguém causando uma mudança de estado’ e ser descrita como X AFETAR Y. Essa construção pode ser considerada uma construção mais esquemática, na qual diferentes itens lexicais podem ocupar os *slots* destinados ao verbo e ao objeto direto, que se fundem com os papéis argumentais causa<sup>6</sup> e paciente. Nessa mesma construção, o verbo **cortar** pode ser instanciado com diferentes sintagmas nominais relacionados ao corpo humano, fazendo emergir nas sentenças significados para esse verbo que denotam uma afetação concreta sobre o objeto direto, ou seja, a realização de um corte físico. Imagine, por exemplo, que a ocorrência policial tenha sido de um assassinato, então, poderíamos encontrar: “o braço/a perna/a garganta/a cabeça foi cortado(a) poucas horas antes”, e o significado que emerge para o verbo pode ser ‘dividir, separar, ferir, mutilar, decaptar’ dependendo dos itens lexicais que venham a ocupar o *slot* destinado ao objeto direto e do contexto.

Como vimos no exemplo 1, um sujeito agente, omitido pela coocorrência com a Construção Passiva, utilizou um instrumento cortante e efetuou um corte concreto no cordão umbilical, separando a mãe e o bebê. No excerto a seguir, o verbo **cortar** ocorre novamente com o mesmo item lexical, cordão umbilical, ocupando o *slot* destinado ao objeto direto, que em virtude da coocorrência com a construção passiva está no lugar do sujeito (paciente), porém, o significado que emerge no texto é diferente.

<sup>6</sup> Em consonância com Goldberg (1995), assumimos que o papel argumental causa pode comportar tanto agentes como uma força natural.

**(2) QUANDO É A HORA DE SAIR DA CASA DOS PAIS?****LAÇOS**

Para além das questões práticas, como contas pagas e roupas arrumadas, os laços familiares também deixam saudades. “O cordão umbilical não foi cortado”, diz Leia. (A Gazeta, 02/07/2017 - Cidades, p. 110 – grifo nosso).

No exemplo 2, temos a instanciação do verbo **cortar** numa construção que está mais próxima do polo lexical. Essa construção representa um “caso especial” da Construção Transitiva de Afetação, uma instância preenchida (GOLDBERG, 1995, p 79), um novo par de forma e significado: [[cortar + cordão umbilical] ↔ amadurecer, eliminar vínculos que tornam uma pessoa dependente da outra]]. Nesse caso, assim como em outros envolvendo construções dessa natureza com **cortar**, o significado da construção representa o resultado da incorporação de sentidos dos contextos nos quais a sequência de palavras ocorreu que levou a sua convencionalização em determinado momento, em decorrência da frequência de uso dessa sequência nos mesmos contextos, que foi reforçando o *chunk* e levou a sua categorização como uma nova construção.

Enquanto no primeiro exemplo, o significado da associação do verbo **cortar** + o substantivo ‘cordão umbilical’ é mais composicional, no segundo exemplo, a composicionalidade é enfraquecida. Esses exemplos indicam que o verbo **cortar** é instanciado em construções que parecem formar dois grupos com particularidades distintas, um composto por construções esquemáticas e outro por construções substantivas.

A maioria das expressões, mesmo as composicionais, possuem um significado convencionalizado mais específico do que seu valor composicional, como aponta Langacker (1987) ao sustentar que

[...] praticamente todas as expressões linguísticas, quando construídas pela primeira vez, são interpretadas com referência a um contexto situacional ricamente especificado, e grande parte desse contexto é retido à medida que se aglutinam para formar unidades estabelecidas (LANGACKER, 1987, p. 455).

Dessa forma, nem toda sequência de palavras cujo significado é mais abrangente que a simples soma de suas partes constituintes pode ser considerada uma “expressão idiomática”. A esse respeito, Urbano (2018, p. 20) esclarece que “entre as expressões idiomáticas típicas e expressões de vários outros tipos, abre-se muitas vezes um campo contínuo sem fronteiras

nítidas, em que muitas expressões podem ser consideradas apenas ‘parcialmente’ figuradas ou idiomáticas.”

Segundo o autor, a sequência “*matar a sede*” seria menos idiomática do que “*matar o tempo*”, porque o sintagma nominal ‘sede’ “mantém o sentido literal, diferentemente de matar o tempo, em que ambas as palavras jogam com sentidos figurados” (URBANO, 2018, p. 20). Bybee (2016) considera as sequências de palavras que funcionam como uma única unidade como expressões pré-fabricadas “*prefab*”. No entanto, destaca que as “expressões idiomáticas” constituem um tipo mais específico, já que seu significado em geral depende de metáfora, metonímia ou hipérbole.

Diante do exposto, entendemos que as construções idiomáticas fazem parte de um conjunto maior de construções que pode abarcar unidades linguísticas que não são reconhecidas como idiomáticas. E também, conforme Urbano (2018, p. 19) destaca, o termo ‘idiomático’ não é de aceitação conceitual pacífica. Por isso, neste artigo, nos referimos às construções mais próximas do polo lexical identificadas no *corpus* com o verbo **cortar** como construções substantivas, sejam elas reconhecidas e registradas como idiomáticas ou não.

Adotamos a caracterização dada por outros autores às construções idiomáticas e definimos as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* como unidades linguísticas convencionalizadas que podem ser consideradas *chunks* independentes para fins de processamento e análise, cujo significado não é previsível a partir da soma de suas partes constituintes, envolvendo em geral metáfora, hipérbole ou metonímia. Essas unidades podem ser analisáveis e admitem, de certa forma, variação [conf. Langacker (1977, 1987), Goldberg (2006), Bybee (2016) e Urbano 2018].

### Análise do *corpus*

O verbo **cortar** origina-se do latim *curtare* que etimologicamente pode significar: encurtar, mutilar, dividir, conforme Bueno (1968), Nascentes (1969) e Ferreira (1983). Entre as diversas acepções registradas para esse verbo atualmente, a primeira acepção apresentada no Dicionário de usos do português do Brasil, de Borba (2002), é “dividir/separar”. O critério adotado pelo autor para organizar a ordem das acepções está diretamente ligado ao número de ocorrências, o que significa dizer que o verbo **cortar** nos dados de Borba (2002) ocorreu

muito mais vezes como ‘dividir; separar’. Por isso, vamos considerar que esse é o sentido mais básico associado ao verbo **cortar**.

Como vimos, as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* são constituídas de mais de uma palavra, possuem mais especificidade de preenchimento e menor esquematicidade, veiculam um conceito mais lexical e parecem formar uma única unidade que pode ser acessada como um todo, um *chunk* independente, cujo significado não pode ser associado à soma de suas partes constituintes.

Um dos fatores que se destacam no processo de observação das construções em análise é a influência do processo cognitivo de projeção metafórica, visto que o significado de todas as construções identificadas no *corpus* envolvem metáfora.

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, originada em Lakoff e Johnson (2002), somos capazes de compreender e experienciar um conceito em termos de outro, pois nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado e, dessa forma, nossa linguagem também é metaforicamente estruturada. Os autores constataram que a metáfora está entranhada em nosso cotidiano, não apenas na linguagem, mas na forma como pensamos e agimos. Segundo os autores, nossos conceitos abstratos são, em grande parte, metafóricos, porque, em geral, conceptualizamos experiências não físicas em termos de experiências físicas. São as experiências concretas que temos que fornecem as bases para construir conceitos extremamente abstratos e elaborados como o de discussão.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 48), na cultura ocidental o conceito de discussão é estruturado a partir da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Segundo os autores, a metáfora ao mesmo tempo em que realça certos traços elimina outros, por isso, embora discussão e guerra sejam totalmente distintas, assim como as ações realizadas em cada um dos eventos, “DISCUSSÃO é parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de GUERRA” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48, destaque dos autores). Isso explica porque utilizamos termos relacionados à batalha, como “defender um argumento”, “atacar um ponto de vista”, “destruir um ponto de vista”, entre outros. No entanto, ela não se reflete apenas na linguagem, mas na forma como pensamos e agimos. Em nossa cultura, uma discussão sempre envolve um ganhador e um perdedor, uma disputa, o que não ocorreria, por exemplo, em uma cultura em que a discussão fosse estruturada em outros termos (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 47).

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 81), o fato de sermos seres físicos claramente delimitados leva-nos à experiencição de que estamos separados do mundo, ou seja, o mundo está fora de nós e, dessa forma, "cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação dentro-fora". Disso decorre o fato de projetarmos nossa própria orientação a outros objetos delimitados por superfície (como entrar em um ambiente ou sair dele), assim como ao ambiente natural (floresta, campo, etc.). Segundo os autores, mesmo quando não há uma demarcação física, nós impomos fronteiras, uma vez que a territorialidade é um dos instintos mais básicos do ser humano. É fato em nossas vidas a demarcação espacial dos territórios em metros, quilômetros, alqueires, ou seja, concebemos o solo como algo que pode ser mensurado, percorrido e dividido. Acreditamos que essa projeção esteja envolvida no significado da construção ‘cortar caminho’, apresentada na sequência.

### Cortar (o) caminho

Identificamos a frequência de 05 *tokens* dessa construção no *corpus*. Em nossos dados, o complemento do sintagma nominal não estava precedido do artigo definido ‘o’, como podemos observar no exemplo 3.

#### (3) Motorista que invadiu posto vai se apresentar à polícia hoje

Em alta velocidade, o condutor não obedeceu a ordem de parada dos policiais e fugiu, no sentido Praia de Camburi.

Com o fluxo de veículos menor no sentido Centro de Vitória, o motorista tentou cortar caminho por dentro do posto, para fugir. [...]. (A Gazeta, 02/02/2017 - Cidades, p. 15, grifo nosso).

Todavia, Urbano (2018) registra a possibilidade de alternância entre essas duas formas, como também evidenciam os exemplos 4 e 5:

(4) “Cortar o caminho, mudar de rumo ou retornar, as vezes é melhor do que seguir e perder-se numa obscuridade sem volta!”<sup>7</sup>

(5) “To atrasadão vou cortar o caminho!”<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.pensador.com/frase/OTOQ2OTg/>. Acesso em: 20/09/2019.

<sup>8</sup> <http://www.videosnowhats.com/zap/to-atrasadao-vou-cortar-o-caminho/>. Acesso em: 05/10/2019.

Essa construção não permite a topicalização do sintagma nominal, a substituição do determinante, tampouco a inserção de itens lexicais. Os testes 1, 2 e 3 demonstram que tais alterações na forma implicariam mudança de significado ou problemas na estrutura da sentença.

Teste 1) \*<sup>9</sup> O caminho ele vai cortar.

Teste 2) Ele vai cortar *um* caminho [cortar = atravessar].

Ele vai cortar *seu* caminho [cortar = atravessar].

Teste 3) \* Ele vai cortar *de vez* caminho.

Essa construção pode ser representada da seguinte forma [[cortar + (o) caminho] ↔ [utilizar atalho para encurtar o espaço a vencer]]<sup>10</sup>. A impossibilidade de alterações na forma não inviabiliza o reconhecimento de certa contribuição do verbo para a construção, pois ‘encurtar/reduzir’ é um significado que emerge para o verbo **cortar** em contextos concretos de uso, quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação. O mesmo pode ser dito em relação ao sintagma nominal, haja vista que entre os usos concretos registrados para ‘caminho’ constam “[...]1 qualquer faixa de terreno destinada ao trânsito; estrada; [...] 4 espaço em que se caminha; distância [...]” (BORBA, 2002, p. 265). Porém, o significado do todo envolve uma projeção metafórica do verbo **cortar**, visto que não ocorre nenhum tipo de modificação no ‘caminho’, o trajeto original (A) que o indivíduo percorreria se não optasse por uma rota alternativa, um atalho, o trajeto (B), ou seja, o caminho não será, e nem poderia ser, cortado concretamente.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 170), concebemos os caminhos como superfícies “(imagine um tapete desenrolando-se à medida que você caminha, criando, assim, um caminho atrás de você)”. Acreditamos que a Construção ‘cortar (o) caminho’ pode levar-nos a: i) realizar uma demarcação física do trajeto original (A), o caminho que seria percorrido normalmente, concebendo-o como um recipiente com uma orientação dentro-fora; ii) em seguida, por meio do esquema imagético trajetória, que consiste de ORIGEM (A), TRAJETO e DESTINO (B)<sup>11</sup>, a conceptualizar o ‘atalho’, o caminho alternativo que ‘atravessa’ o caminho associado ao trajeto original, como uma área de corte nessa superfície, como sugere a figura 3.

<sup>9</sup> A presença do asterisco antes da sentença indica que há problemas em sua estruturação.

<sup>10</sup> Significado proposto por Urbano (2018).

<sup>11</sup> De acordo com Ferrari (2016, p. 86), os esquemas imagéticos “são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo”.

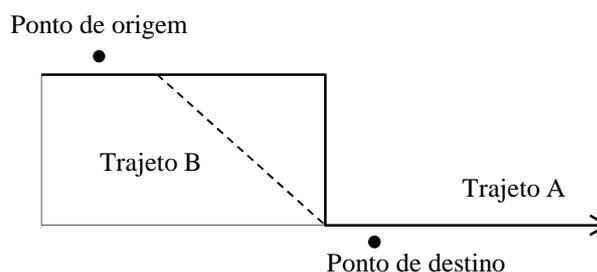


Figura 3 - Processo de conceptualização de ‘atalho’ como área de corte associado à Construção idiomática ‘cortar caminho’.

Fonte: Christ (2020, p. 216).

A linha contínua grossa representa o trajeto original (A), a linha pontilhada, o atalho (B), e a linha contínua fina, os limites impostos pela demarcação projetada metaforicamente (que concebe o trajeto original como um recipiente com orientação dentro-fora). Ao optar pelo trajeto B, reduzimos não o caminho, mas o deslocamento espacial. Apesar do significado dessa construção idiomática envolver um dos significados que emerge para o verbo **cortar** quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, ‘reduzir/encurtar’, ela é motivada pela Construção de Movimento Transitiva e, dessa forma, a ação que o agente realiza não envolve a afetação de um paciente, mas um movimento e todos esses significados são incorporados na projeção metafórica, ou seja, o ‘caminho’ é reduzido pelo movimento que o agente realiza.

Em nosso *corpus*, essa construção foi utilizada para se referir a um caminho físico. Todavia, o sintagma nominal ‘caminho’ pode representar qualquer tipo de distância, ou seja, etapas a serem vencidas para que um determinado objetivo seja alcançado, ampliando os contextos de uso, como vimos no exemplo 4, assim como na crônica intitulada “Cortando caminho”, que transcrevemos a seguir:

Trânsito parado, atrasado para a reunião, olho para o cruzamento à direita pensando numa alternativa de cortar caminho e reduzir meu atraso.

Cortar caminho. Tem hora que é a única alternativa que resta para não perder mais tempo. Enquanto a gente pensava em cortar caminho apenas dos nossos trajetos de ir e vir, tudo bem, racionalizar sempre é bom. Mas parece que estamos nos especializando na “cultura” do corte de caminho. Cabral foi o primeiro que pensou em cortar e caiu aqui. O Xará dele está preso de tanto cortar caminho, sangrar as contas públicas e encher o bolso.

Cortar caminho nos estudos, na escalada profissional, nas conquistas pessoais, até mesmo nos games que jogamos nas horas vagas.

Em uma maratona de Sioux, EUA, um sudanês venceu a prova quebrando o recorde do percurso. Venceu? Não. Os fiscais desconfiaram do tempo da

prova, checaram e descobriram que ele cortou caminho. Vitória cancelada [...] (CASTANHARI JÚNIOR, 2017, grifos nossos).

As reflexões instauradas pelo autor da crônica vão ao encontro da constatação de Lakoff e Johnson (2002) de que a metáfora está entranhada na forma como pensamos e agimos e, portanto, na linguagem. Na sequência, abordamos a construção ‘cortar o coração’.

### Cortar o coração

Identificamos apenas 02 ocorrências do verbo **cortar** nessa construção, uma das quais é apresentada no exemplo 6.

#### (6) Aposentado de 81 anos reage a assalto e dá garrafada em bandido

"Ele teve câncer de garganta e não pode falar sem o aparelho. Acredito que por isso reagiu. É de cortar o coração saber que meu avô passou por isso". (A Gazeta, 12/05/2017 - Cidades, p. 15, grifo nosso).

A alteração ou supressão do determinante parece gerar mudança de significado, como podemos observar em 7.

#### (7) Médica corta coração de Gil e ganha música

Submetido a uma biópsia do coração, do qual foram extraídos quatro pedacinhos, para aprofundar as pesquisas sobre sua insuficiência renal, Gilberto Gil ficou tão impressionado com o procedimento médico, que resolveu fazer uma música para a cardiologista que o assiste, Roberta Saretta, integrante da equipe de Roberto Kalil, no hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. [...]

Eis um trecho da música que Gil fez para a médica que cortou um pedaço do seu coração [...].<sup>12</sup>

Embora o texto do qual foi retirado o exemplo 7 pareça dialogar com a construção substantiva em tela, o corte físico existiu de fato e acreditamos que, por isso, o artigo definido não pode ser utilizado. O teste a seguir ratifica tal compreensão:

Teste 1) É de cortar um coração saber que meu avô passou por isso.

Embora não permita a substituição do artigo definido pelo indefinido, no uso, ela permite a alternância com o possessivo, como podemos observar no exemplo 8:

<sup>12</sup> Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/medica-corta-coracao-de-gil-e-ganha-musica.html>. Acesso em: 06/10/2019.

**(8) Top 20 | Animações que vão cortar seu coração<sup>13</sup>**

Quando você pensa em um filme de animação, geralmente o que vem à cabeça é algo colorido e divertido, leve como **Minions** ou **Meu Malvado Favorito**. É até fácil se esquecer que nem toda animação é para crianças e que, mesmo as que são, muitas vezes tocam em temas muito adultos, como nostalgia, preconceito, vingança, abandono e até morte.

Confira a seguir as 20 animações que trazem temas e cenas profundamente tristes. Não prometemos que todas vão te fazer chorar, mas com certeza cada uma delas te obrigará refletir e sentir o coração mais pesado ao menos por alguns momentos.

Constatamos ao longo da análise que a maioria das construções substantivas com **cortar** não permitem a substituição do artigo definido pelo indefinido, mas aceitam a substituição por um pronome possessivo. Parece-nos que essa possibilidade ocorre porque o pronome possessivo, assim como o artigo definido, permite a individualização dos substantivos. Enquanto o artigo definido restringe a extensão do significado dos substantivos, individualiza-os, definindo-os, o artigo indefinido trabalha no sentido oposto, realizando uma generalização. Como podemos observar no exemplo 8, a construção ‘cortar o coração’ é instanciada no título de um texto que sugere 20 animações comoventes para o leitor assistir. Pela natureza do suporte e do gênero textual onde ocorre, não há a intenção de falar que vai cortar um coração qualquer, mas o de alguém (de um VOCÊ = os telespectadores em potencial), por isso o possessivo é possível e se torna bem interessante no texto que parece buscar uma aproximação com o interlocutor.

Não identificamos nenhuma ocorrência com a topicalização do sintagma nominal sem a coocorrência de outras construções, o que tampouco nos parece aceitável, como sugerem os testes 2 e 3:

Teste 2) \* É de o coração cortar de qualquer um, certo?

Teste 3) \* Animações que vão seu coração cortar.

A topicalização parece só ser possível quando envolve o aspecto resultativo, como podemos observar em 09:

**(09)**— Nossa, eu já vi de tudo. De menina correndo a gente caindo descendo do ônibus pra poder entrar e fazer a prova. Tem mãe que chora mais que o filho quando não consegue

<sup>13</sup><https://cinelogin.wordpress.com/2015/10/07/top-20-animacoes-que-vaio-cortar-seu-coracao/>. Acesso em: 06/10/2019.

entrar. A gente fica com o coração cortado, mas tem que seguir as ordens que vem de Brasília (grifo nosso).<sup>14</sup>

O teste 4 mostra que essa construção poderia aceitar a inserção de itens lexicais:

Teste 4) É de cortar *profundamente* o coração saber que meu avô passou por isso.

Quanto ao significado, é possível reconhecer a contribuição do verbo, que também pode ser instanciado na Construção Transitiva de Afetação com o núcleo do sintagma nominal ‘coração’ para descrever um corte, uma incisão realizada por objeto cortante, como vimos no exemplo 07, cujo significado que emerge é ‘fazer incisão’, o que certamente causa dor ao paciente, situação que pode ser contornada pelo uso de anestesia. Essa situação concreta serve de base para a projeção metafórica do significado associado ao verbo na construção substantiva.

De acordo com Amato (2010), a associação entre os bons sentimentos e o coração é histórica. Embora não seja o coração, mas o cérebro a base do comportamento humano, existe uma relação fisiológica entre o coração e a mente. A esse respeito, a autora nos diz que

Historicamente se diz que no coração está a origem do amor, da coragem, da bravura e que pessoas boas têm coração grande e ruins não têm coração. Porém, hoje sabemos que o cérebro é a base do comportamento humano, sede de todos os sentimentos, pensamentos e emoções. Entretanto, as experiências, quando geram muita emoção, afetam diretamente o coração. E as doenças cardíacas, por sua vez, também podem manifestar emoções, tais como medo, ansiedade e depressão, revelando que a interação entre coração e mente é recíproca.

Desde 1952 sabe-se que uma região do cérebro chamada sistema límbico, recebe informações externas, transformando-as em emoções. Ativa-se um complexo sistema nervoso e humoral que, através de reações físicas e químicas, controla o funcionamento de vários órgãos, inclusive do coração. Dessa maneira, a circulação sofre mudanças repentinas, intensas e com extrema rapidez e no espaço de 3 a 5 segundos, a frequência cardíaca pode aumentar até o dobro do normal, e dentro de 10 a 15 segundos a pressão arterial chega a ser duplicada. Tudo isso para que o indivíduo se prepare fisiologicamente, melhorando a performance, para enfrentar situações de risco e de curta duração (AMATO, 2010).

Dessa forma, as metáforas associadas ao coração podem ter como base experiências concretas dos indivíduos envolvendo as emoções e os processos fisiológicos desencadeados no órgão físico. Além dos exemplos mencionados pela autora “pessoas boas têm coração

<sup>14</sup> <https://blogs.oglobo.globo.com/agora-na-educacao/post/coracao-cortado-diz-responsavel-por-fechar-portoes-em-local-de-prova-do-enem.html>. Acesso em: 06/10/2019.

grande e ruins não têm coração”, outro exemplo pode ser observado em sentenças como “Ele sim conquistou meu coração”<sup>15</sup>, em que o coração é reinterpretado como um território e, dessa forma, pode ser conquistado ou perdido.

Acreditamos que todas essas sentenças, assim como a construção substantiva em tela, se encaixam na metáfora EFEITO EMOCIONAL É CONTATO FÍSICO (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 117). Como a associação entre os sentimentos e o coração fazem parte da nossa cultura, podemos reconhecer a contribuição do sintagma nominal para a construção, como fornecendo a base concreta no domínio fonte para a projeção do significado metafórico “dar pena, dó, comover ao extremo”, ou seja, causar um efeito emocional atingindo o lugar onde estão guardados nossos bons sentimentos de forma incisiva, o que é realizado com o recrutamento do verbo **cortar**, fazendo com que a construção possa evocar também um sentimento de dor ou angústia.

Feitas essas considerações, apresentamos a tabela 1 com o número total de ocorrências do verbo **cortar** nas construções substantivas identificadas no *corpus*.

Tabela 1 - Número de ocorrências do verbo **cortar** nas construções substantivas identificadas no *corpus*

Construção	Número de ocorrências
cortar (o) ponto	14
cortar (o) caminho	05
cortar as asas	01
cortar na (própria) carne	21
cortar o cordão umbilical	02
cortar o barato de X	02
cortar o mal pela raiz	02
cortar o coração	02
cortar o nó (górdio)	01
TOTAL	50

Como mencionado anteriormente, verificamos que nem todas as construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus* possuem o mesmo grau de composicionalidade. Para auxiliar a distribuição dessas construções num *continuum*, elencamos alguns critérios para subsidiar nossas análises, cujo resultado sintetizado será apresentado na tabela 2, após a explanação dos mesmos.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1XopkZfyS4>. Acesso em: 08/10/2019.

As colunas 2, 3 e 4 dizem respeito à questão da forma. O símbolo de adição indica a possibilidade de topicalização, substituição e inserção de itens enquanto o símbolo de subtração indica a impossibilidade.

A coluna 5 indica o ‘Grau de transparência’, entendido neste artigo como a possibilidade de reconhecer, de alguma forma, a contribuição do item lexical. O total apresentado nessa coluna foi obtido com base no seguinte cálculo:

a) para o verbo **cortar**:

(i) 04 pontos são atribuídos caso o verbo mantenha, na construção substantiva, seu significado mais básico<sup>16</sup>, ‘dividir, separar’, ou significados que emergem para esse verbo quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, denotando a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(ii) 03 pontos são atribuídos caso o verbo mantenha, na construção substantiva, outros significados que emergem para esse verbo quando instanciado na Construção Transitiva de Afetação, que não estão relacionados à realização de um corte por instrumento cortante;

(iii) 02 pontos são atribuídos nos casos em que a base metafórica do significado do verbo, na construção substantiva, é sustentada por usos do verbo **cortar** que denotam a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(iv) 01 ponto é atribuído nos casos em que a base metafórica do significado do verbo, na construção substantiva, é sustentada por usos do verbo **cortar** que não denotam a realização de um corte causado por instrumento cortante;

(v) Nenhum ponto é atribuído caso o significado que emerge na construção substantiva não possa ser relacionado a nenhum uso do verbo **cortar** quando instanciado em construções esquemáticas identificadas por Christ (2020).

b) Para o sintagma nominal:

(i) 04 pontos são atribuídos caso o item mantenha seu significado mais básico na construção substantiva;

<sup>16</sup> Estamos entendendo aqui o significado mais básico como a primeira acepção registrada no dicionário de usos de Borba (2002).

(ii) 03 pontos são atribuídos caso o significado do item na construção substantiva seja sustentado metaforicamente e utilizado em outras construções com o mesmo significado que apresenta na construção substantiva;

(iii) 02 pontos são atribuídos caso o significado mais básico do item sirva de base para a projeção metafórica na construção substantiva.

(iii) 01 ponto é atribuído caso outros significados registrados em dicionário para o item sirvam de base para a projeção metafórica na construção substantiva.

(iv) nenhum ponto é atribuído caso não possa ser identificada nenhuma contribuição do item para a projeção metafórica na construção substantiva.

Tabela 2 - Resultado sintetizado da aplicação dos critérios elencados para análise das construções substantivas com **cortar**

Construção <sup>17</sup>	Topicalização	Substituição do determinante Indet./Possessivo	Inserção de itens lexicais entre verbo e nome	Grau de transparência verbo/nome
Cortar (o) ponto	-	-/+	+	1/1
Cortar (o) caminho	-	-/-	-	2/2
Cortar as asas	+	-/+	+	2/3
Cortar na (própria) carne	-	-/+	+	2/2
Cortar o cordão umbilical	-	-/-	+	2/2
Cortar o barato de X	-	-/+	+	1/3
Cortar o mal pela raiz	-	-/-	+	2/3
Cortar o coração	-	-/+	+	2/2
cortar o nó (górdio)	+	-/-	+	2/2

Fonte: Christ (2020, p. 239).

A distribuição das construções no *continuum* levará em conta os seguintes critérios

- 1) somaremos todos os símbolos de adição atribuídos a cada construção nas colunas 2, 3 e 4. Quanto maior o número, maior é o grau de analisabilidade de suas partes constituintes e menor é a força do *chunk*, ou seja, suas partes internas são mais fortes e ele se situa mais à esquerda no *continuum* de composicionalidade;

<sup>17</sup> Os parênteses indicam que o *slot* é facultativo na construção, pode ser preenchido ou não. No caso de ‘cortar o ponto’, a observação foi feita com base no *corpus*, nos demais casos, manteve-se o registro apresentado em Urbano (2018) utilizado como base de apoio para a análise do significado dessas construções, uma vez que se trata de obra especializada em expressões idiomáticas.

- 2) somaremos os pontos atribuídos na coluna 5 para cada construção. Quanto maior a pontuação, maior é a contribuição das partes constituintes para o significado da construção e maior é o grau de composicionalidade, situando a construção mais à esquerda no *continuum* de composicionalidade.

Na tabela 3, apresentamos a somatória dos dados apresentados na tabela 2.

Tabela 3 - Total de pontos atribuídos na análise da forma e significado das construções substantivas com **cortar**.

Construção <sup>18</sup>	Total de adições (coluna 2, 3 e 4)	Grau de transparência atribuído	TOTAL
Cortar (o) ponto	2	2	4
Cortar (o) caminho	0	4	4
Cortar as asas	3	5	8
Cortar na (própria) carne	2	4	6
Cortar o cordão umbilical	1	4	5
Cortar o barato de X	2	4	6
Cortar o mal pela raiz	1	5	6
Cortar o coração	2	4	6
cortar o nó (górdio)	2	4	6

Fonte: Christ (2020, p. 240).

Quanto maior a pontuação obtida, mais à esquerda no *continuum* se localiza a construção, o que a caracteriza como: mais composicional e com partes internas mais analisáveis quando comparada às construções à sua direita, como propomos na figura 4.

***Mais composicional***

o valor do todo é mais previsível a partir dos valores de suas partes constituintes.

+

\_ as asas

\_ o mal pela raiz

\_ na (própria) carne

\_ o nó (górdio)

\_ o coração

\_ o barato de X

***Menos composicional***

o valor do todo é menos previsível a partir dos valores de suas partes constituintes.

→

-

\_ (o) ponto

\_ (o) caminho

\_ o cordão

umbilical

Figura 4 - Distribuição das construções substantivas com **cortar** no *continuum* da composicionalidade  
Fonte: Christ (2020, p. 241).

<sup>18</sup> Os parênteses indicam que o *slot* é facultativo na construção, pode ser preenchido ou não. No caso de ‘cortar o ponto’, a observação foi feita com base no *corpus*, nos demais casos, manteve-se o registro apresentado em Urbano (2018) utilizado como base de apoio para a análise do significado dessas construções, já que se trata de obra especializada em expressões idiomáticas.

As construções substantivas ‘cortar (o) ponto’ e ‘cortar (o) caminho’ são menos composicionais do que as demais, enquanto que a construção ‘cortar as asas’ é a mais composicional entre as 09 construções substantivas com **cortar** identificadas no *corpus*. Por sua vez, as construções ‘cortar o mal pela raiz’, ‘cortar na (própria) carne’, ‘cortar o nó (górdio)’, ‘cortar o coração’ e ‘cortar o barato de x’ são mais composicionais se comparadas a ‘cortar o cordão umbilical’ e menos composicionais se comparadas a ‘cortar as asas’. Christ (2020), com base na análise de um *corpora* do qual faz parte o *corpus* utilizado neste artigo, propõe uma rede de construções com o verbo **cortar** constituída de 03 níveis hierárquicos conforme figura 5.

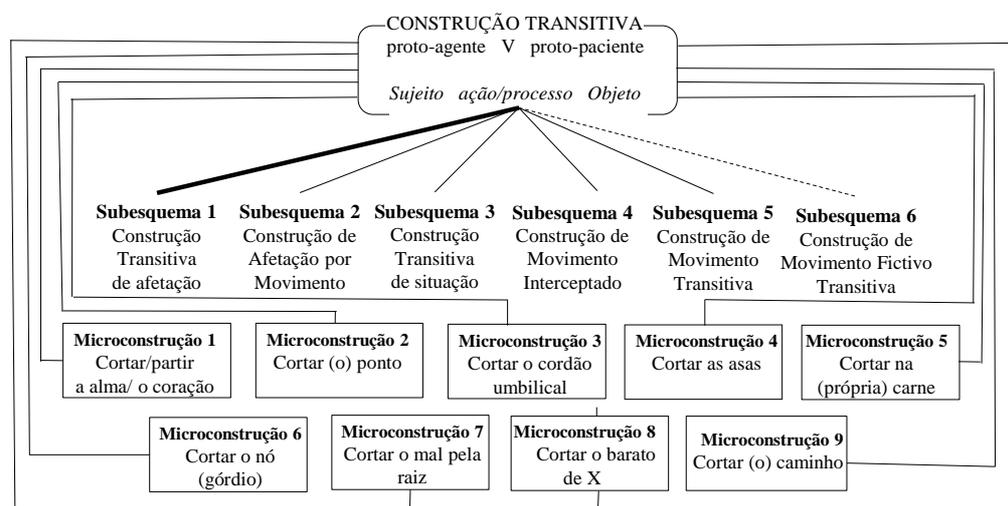


Figura 5 - Rede de construções com o verbo **cortar**

Fonte: Christ (2020, p. 242).

Na rede hierárquica, as 09 construções substantivas analisadas no presente artigo estão no nível das microconstruções, porque é nesse nível que se situam os tipos de construção que podem ser especificadas lexical e fonologicamente. Essas construções provavelmente surgiram em contextos de usos do verbo **cortar** em construções mais esquemáticas. No entanto, elas incorporaram sentidos específicos dos contextos nos quais a sequência de palavras formada pelo verbo **cortar** + sintagma nominal ocorria levando à convencionalização de um novo significado para essas sequências. Com a frequência de uso, tornaram-se unidades rotinizadas e independentes e, por isso, embora estejam situadas no

nível hierárquico inferior da rede de construções com o verbo **cortar**, elas são associadas diretamente à Construção Transitiva.

### Considerações finais

Valendo-nos de um *corpus* composto por dados de uso efetivo da língua na modalidade escrita, constituído por textos coletados no jornal A Gazeta que circula no estado do Espírito Santo, no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2017, analisamos construções com o verbo **cortar** seguido de complemento que formam uma única unidade de análise, cujo significado do todo envolve projeções metafóricas de domínios associados, em geral, ao uso concreto dos itens lexicais que as compõem. Essas construções possuem uma especificidade maior de preenchimento e menor esquematicidade virtual e veiculam um conceito mais lexical, sendo designadas neste artigo como construções substantivas.

A maioria das construções analisadas é designada como expressão idiomática em abordagens lexicais. O presente artigo defende a importância da abordagem construcional na análise do fenômeno e propõe a existência de um *continuum* para a distribuição dessas construções, uma vez que nem todas possuem o mesmo grau de composicionalidade. Para isso, aprofunda as discussões sobre composicionalidade e indica critérios que permitem medir o grau de composicionalidade e transparência das construções.

Apesar do número restrito de ocorrência das construções substantivas com o verbo **cortar** no *corpus*, frequência de 50 *tokens*, foi possível identificar a frequência de 09 *types*, que nos permitiram refletir sobre a influência dos processos cognitivos envolvidos. Além das projeções metafóricas, o processo de formação dessas construções envolve o *chunking*, um processo cognitivo que nos permite produzir e compreender sequências de palavras como unidades rotinizadas, independentes e que influencia a formação e o uso de construções linguísticas. Esperamos que as discussões apresentadas possam contribuir para os estudos da língua em uso.

## Referências

- A Gazeta, Vitória (ES), jan./dez. 2017. Disponível em:  
 <<https://digital.agazeta.com.br/pub/agazeta/>>. Acesso em: jan./ago. 2018.
- AMATO, M. C. M. De que maneira o coração está relacionado com as emoções (2010). In: *Manual para o médico generalista*. São Paulo: Roca, 2001. Disponível em:<<https://www.amato.com.br/content/de-que-maneira-o-cora%C3%A7%C3%A3o-est%C3%A1-relacionado-com-emo%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 08 out. 2019.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968. 8v.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTANHARI JÚNIOR, R. *Cortando caminho*. Ladeira da memória, 2017. Disponível em:  
 <<https://ladeiradamemoria.wordpress.com/2017/06/08/cortando-caminho/>>. Acesso em: 13 de out. de 2019.
- CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CHRIST, A. P. K. “*Cortando um dobrado*”: uma análise do verbo “cortar” em uso. 2020, 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.
- EVANS, V. *A glossary of cognitivy linguistic*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- FERRARI, L. V. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário de latim-português*. Porto: Ed. Porto, 1983.
- FILLMORE, C.J.; KAY, P.; O'CONNOR, M.C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argumentstructure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 251-300.

LAKOFF, G. A figure of thought. *Metaphor and symbol*, v. 1, n. 3, p. 215-225, 1986.

\_\_\_\_\_. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos lingüísticos fundamentais*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

NASCENTES, A. *Dicionario de sinonimos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1969.

RIVA, H. C. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. 2009. 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2009.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Functionalism and Construction Grammar Approach. *Alfa: revista de linguística (São José do Rio Preto)*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URBANO, H. *Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós*. São Paulo: Cortez, 2018.

XATARA, C. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 39, p. 195-210, 1995.

## **The influence of metaphor and chunking in the conventionalization of constructions with the verb ‘to cut’<sup>19</sup>**

**Abstract:** From the concept that language is based on cognitive, socio-interactional and cultural processes, we analyzed, in a constructional approach, a group of word sequences with the verb *to cut* followed by complements that seem to form a single unit, an independent chunk for processing and analysis purposes, many of which are called idiomatic expressions in lexical approaches. We are linked to the theoretical and methodological framework of Usage-based Linguistics, supported by, among others, the functionalist and cognitive studies of Lakoff and Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott and Trousdale (2013), Bybee (2016) and Langacker (1987). We worked in a corpus

<sup>19</sup> This paper is part of a broader work, of the doctoral dissertation entitled ‘*cortando um dobrado*’: uma análise do verbo *cortar* em uso.

with effective use of language, consisting of texts collected from the newspaper A Gazeta (2018), which circulates in the State of Espírito Santo, between January and December 2017. We identified the frequency of 50 tokens and 09 types, which allows us to reflect on the influence of chunking and metaphorical projections on the conventionalization of these constructions. We observed that the identified constructions in the corpus do not present the same degree of compositionality, which led us to propose a *continuum* and to stipulate analysis criteria that would help in the process of distributing these constructions in the *continuum*.

**Keywords:** verb to cut; construction grammar; idiomatic expressions; cognitive processes.

**Recebido em:** 26 de outubro de 2020.

**Aceito em:** 17 de dezembro de 2020.